



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA EDUARDA DOS SANTOS MARTINS

ESCOLA E RACISMO: AS DIMENSÕES DA VIOLÊNCIA RACIAL NO
DESEMPENHO ESCOLAR DAS CRIANÇAS NEGRAS

Brasília, 2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA EDUARDA DOS SANTOS MARTINS

**ESCOLA E RACISMO: AS DIMENSÕES DA VIOLÊNCIA RACIAL NO
DESEMPENHO ESCOLAR DAS CRIANÇAS NEGRAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília - Faculdade de educação, como requisito parcial para obtenção de título de licenciada em Pedagogia, sob orientação do Professor Dr. Wanderson Barbosa dos Santos.

Brasília, 2024

MARIA EDUARDA DOS SANTOS MARTINS

**ESCOLA E RACISMO: AS DIMENSÕES DA VIOLÊNCIA RACIAL NO
DESEMPENHO ESCOLAR DAS CRIANÇAS NEGRAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília - Faculdade de Educação, como requisito parcial para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação do professor Dr. Wanderson Barbosa dos Santos.

Data de aprovação:

Banca Examinadora

**Professor Dr. Wanderson Barbosa dos Santos - Faculdade de Educação
(Orientador)**

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz - Faculdade de Educação

Professora Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes - Faculdade de Educação

2024

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para me proporcionar os caminhos da educação e de uma boa vida, mesmo com todos os desafios contínuos. Em especial a minha mãe, a maior referência de mulher que eu poderia ter.

Aos meus amigos que me resgataram nessa jornada e estabeleceram uma relação de admiração mútua, em especial a Alisson Farias Martins, Brunna Cetto e Isabelly Silva Santos. Que continuemos nos fazendo presentes.

Ao meu orientador, professor Wanderson Barbosa dos Santos, a quem admiro, que muito contribuiu em minha formação, sobretudo, no desenvolvimento desta pesquisa.

A mim mesma, por toda persistência, coragem e amor, eles foram cruciais.

Brasília, 2024

RESUMO

O presente artigo estabelece uma reflexão sobre a manifestação do racismo nos contextos escolares, a partir de um levantamento bibliográfico com a contribuição de teoria racial de pensadoras e pensadores negros. A partir da obra *Racismo Estrutural* (2019) do autor Silvio Almeida, destacando as dimensões e complexidades da violência racial no Brasil, e seus impactos no contexto institucional da escola. E ainda, com a contribuição de Lélia Gonzalez, Cida Bento, Neusa Santos Souza que pontuam as mazelas do racismo no contexto educacional pensando no impacto dos estereótipos negativos atribuídos ao sujeito negro. Discutindo os impactos do racismo na construção da identidade negra, e suas contribuições para o desempenho escolar das crianças negras, e ainda, acerca das dificuldades de enfrentamento ao problema da discriminação racial dentro e fora da escola. Buscando expor como o silenciamento e a ausência de pensar o racismo como um problema também das instituições escolares, dificulta no enfrentamento da violência, e contribui para a exclusão dos estudantes negros no sistema educacional brasileiro, além de impactar na formação de identidade e autoestima dessas crianças. Além disso, a partir da obra *Ensinando a Transgredir: A educação como prática de Liberdade* (2013) usamos da contribuição de bell hooks para pensar em uma proposta antirracista e transgressora.

Palavras-chave: Educação; racismo; educação das relações étnico-raciais; identidade.

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	8
INTRODUÇÃO.....	12
RACISMO, ESCOLA E SILENCIAMENTO.....	18
ESTEREÓTIPOS, CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E AUTOESTIMA.....	22
AFETIVIDADE E PRÁTICAS TRANSGRESSORAS: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	27
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

Dedicado a todas as vozes silenciadas que encontraram seu espaço através da educação, e aos meus pais que me deram oportunidade de chegar até ela.

Memorial

Meu nome é Maria Eduarda dos Santos Martins e no momento da escrita deste memorial acadêmico tenho 22 anos. Sou a primogênita de três irmãos, e filha de maravilhosos pais que sempre me deram força, vitalidade e coragem para construir meus sonhos, cada um a seu modo.

Sou fruto de muitas mulheres negras, sendo a principal delas Lidiane, minha mãe, a quem devo todo amor e gratidão do mundo, abro espaço aqui para agradecer e parabenizar minha mãe por todos os esforços para me ver estudando, obrigada pelo imenso apoio em me ver trilhar o caminho da educação, sem você não seria possível.

Os incentivos para ingressar na Universidade de Brasília eram constantes, principalmente partindo da minha mãe, pois, não havia condições financeiras para arcar com os custos de uma graduação em uma instituição particular. Meus pais cursaram toda a educação básica, e assim como eu, foram estudantes da rede pública de ensino, ambos residindo na cidade de Sobradinho desde que nasceram. Minha mãe, nascida e criada na Fercal, frequentou escolas antes denominadas “rurais”, é a primogênita de seis irmãos, e devido à gravidez ainda no ensino médio, não teve a oportunidade de seguir com os estudos e ingressar no ensino superior, também pela necessidade de junto a meu pai, sustentar uma família. Fazendo com que insistentemente, mencionaram a importância de cursar o nível superior como forma de ascensão social, em uma universidade que além de apresentar um nome de referência, possibilita a gratuidade.

Meus primeiros contatos com a educação não foram os melhores, apesar de gostar da escola, fui gravemente afetada pelo racismo daquele ambiente, por anos fui invisível. Tão invisível que era difícil até mesmo para me enxergar. Embora muitas violências tenham me cercado ao longo de minhas experiências na educação básica, meus pais sempre incentivaram o estudo, principalmente minha mãe que em sua própria realidade não acessou os mesmos espaços que eu.

Entre os anos de 2017 a 2019 cursei o ensino médio em que permanecia com o sentimento de ser invisível como sempre fui, embora a comunicação fosse o meu forte, me sentia intimidada de uma forma estranha no qual ainda não sabia nomear. No segundo ano do ensino médio, tive a oportunidade de conhecer uma professora fantástica, novamente outra mulher negra que surgiu para me reerguer em meus caminhos. A Professora Vanessa, que buscava com muitos esforços me dar protagonismo em sala, que

muito me incentivou e colaborou com ideias, que me deu oportunidades e possibilidades de pensar no que seguiria. Havia sim um grande incentivo familiar para adentrar a universidade, entretanto, na escola eu me sentia completamente incapaz, esse sentimento foi se modificando conforme o ano foi passando, e no último ano de ensino médio já não me sentia mais tão incapaz assim, e passei a me colocar mais.

Ao final de 2019, quase concluindo o ensino médio, uma angústia tomava conta devido à indecisão de que curso iria fazer, em minhas opções sempre estiveram as áreas de licenciatura, meu dilema estava entre cursar letras ou pedagogia, penso que sempre tive certeza em relação à pedagogia, mas devido aos comentários negativos sobre a área acabei ficando receosa. Em 2020 fui aprovada para ambos os cursos em diferentes instituições, entretanto, deixei o receio de lado e optei pela pedagogia.

Foi uma alegria imensa, que durou até o início do semestre, remotamente era difícil, eu não possuía recurso nenhum, então, busquei pelos programas de assistência estudantil e, graças a eles, tive o suporte necessário para continuar a graduação. No contexto pandêmico, meu notebook para as aulas foi fruto das bolsas emergenciais e de uma inclusão digital. Sem esse suporte dificilmente teria dado continuidade ao curso.

Mesmo com os equipamentos e o suporte necessário, me sentia de certa forma prejudicada, a sensação que me perseguiu por anos em minha trajetória escolar havia voltado, nesta altura eu já sabia determinar o que era ou não o racismo, e possuía a noção de suas formas de operação estrutural e institucionalmente. Entretanto, é mais difícil ainda perceber o racismo quando se está por trás de uma tela. Notei que os professores e professoras não apresentavam tanto interesse em minha fala e contribuições, mas bastava que outra colega branca manifestasse algo semelhante e o assunto se direcionava à aquilo.

Foi frustrante e devastador, me vi sozinha de novo, e a sensação de não pertencimento seguiu me acompanhando, felizmente encontrei alguém que compartilhasse do sentimento de inadequação como eu, e que muito me ajudou a seguir em frente, minha queridíssima colega Bruna Cetto, minha primeira amizade na universidade, juntas, acolhemos nossas dores e frustrações, que embora em diferentes contextos nos aproximaram e assim prevaleceu dentro e fora da universidade.

Meu primeiro contato físico com a universidade e com a Faculdade de Educação aconteceu em meu quarto semestre de curso, conheci finalmente a Brunna pessoalmente e foi uma sensação única estar nesses espaços com ela, paralelamente a isso minhas experiências em estágios remunerados já estavam acontecendo desde o segundo semestre,

onde conheci outro grande amigo e parceiro, Alisson Farias Martins e com eles segui tentando compreender minha permanência nesse espaço que não fora nada amistoso comigo. Rotineiramente nos questionamos o porquê de estar ali, o que nos mantinha ali se nada era convidativo? Para mim, sempre foi o desejo de ser diferente dos professores que cruzaram meu caminho em algum momento da vida, inclusive na universidade. Gostaria de olhar para meus alunos com os olhos que alguém já deixou de olhar para mim, e assim o fiz.

Em uma experiência conturbada de estágio, Alisson e eu nos conhecemos e juntos buscamos nos apoiar, ambos experienciando as dificuldades de se dedicar aos estudos quando se tem uma realidade social que não te favorece nos espaços, a rotina de transporte público e a distância, assim como o sentimento de estar invadindo um espaço, nos corrompia, mas juntos e se fortalecendo mutuamente, seguimos e permanecemos. Obrigada por ser um grande amigo, que sorte a minha encontrar você.

Foi difícil permanecer, até que para além das relações étnico raciais me encontrei em uma área específica da pedagogia, graças a uma grande educadora, a quem tenho muito prestígio e prazer de encontrar pela Faculdade de Educação, professora Solange Alves de Oliveira Mendes, grandiosíssima alfabetizadora que plantou em mim o desejo de explorar a alfabetização e letramento nos mais diversos contextos. Gostaria de ressaltar que a disciplina de alfabetização foi extremamente desafiadora para mim, e estranhamente ganhou meu apreço, não há nada que me agrade mais do que estudar sobre alfabetização e letramento.

Inúmeros momentos de crise me acometeram ao longo da graduação, pois, estudar e trabalhar não é nada fácil, apesar disso, sou feliz pela maneira com que levei a graduação, pois, sempre busquei por prática nos ambientes de trabalho o que estava aprendendo na universidade, acredito que dessa forma me construí enquanto educadora.

Ao final da graduação tive a oportunidade de conhecer quem seria meu futuro orientador, o professor Wanderson Barbosa, a quem expresso grande admiração, por sua sabedoria e sensibilidade em sala de aula e por sua capacidade de agregar o estudo das relações étnico raciais às demais temáticas educacionais. Minha genuína admiração e gratidão por sua presença em um espaço que ainda precisa de muita consciência racial.

Busquei viver a universidade para além dos estudos, e mesmo que em muitos momentos não me enxergasse nos espaços eu persisti e me fiz presente, e procurei a todo momento contribuir com o olhar que fui adquirindo na educação, através das disciplinas,

projetos, estágios e as demais atividades que envolveram minha formação, busquei ser aquilo que não pude encontrar em outros espaços.

Compreendo esse percurso que realizei até aqui como um grande ato de minha resistência, em adentrar espaços que através de muita luta e insistência foram cada vez mais abrindo suas portas para pessoas negras e periféricas, como eu. Dentre essas pessoas gostaria de destacar minha colega Isabelly Silva Santos, que com toda sua inteligência e sensibilidade me ensinou muito a respeito dos mais diversos assuntos, me alegro por dividir este espaço com pessoas como ela.

Ao longo da graduação passei por muitos momentos de autodescobertas relacionados a minha área de trabalho, fui adquirindo um olhar cada vez mais crítico para métodos educacionais tradicionais, e graças às escolas em que estagiei esse senso crítico foi se aguçando mais e mais. Ao final do curso, em meu último estágio não obrigatório, conheci uma escola que segue uma perspectiva de educação transformada, e livre de tradicionalismos. Reconheço a importância dessa experiência em minha trajetória, sobretudo em um momento final do curso, através dela pude me compreender mais enquanto educadora.

Entre os anos de 2022 e 2023 tive experiências de estágio no ensino fundamental, nesse período tive a certeza que havia encontrado meu espaço na pedagogia, embora a educação infantil tenha suas possibilidades, o ensino fundamental, especialmente o bloco de alfabetização pela sua gama de conteúdos a serem explorados. Ao longo dos estágios tive trocas incríveis com as crianças que me acompanhavam rotineiramente, um aluno em especial criou um vínculo extremamente forte comigo, não mencionarei seu nome, mas gostaria de ressaltar sua importância para minha formação.

Agradeço novamente aos amigos que tive oportunidade de fazer ao longo dessa árdua caminhada e que, assim como eu, lutam para ocupar seu lugar, muito obrigada a todos, especialmente a Alisson Farias Martins, Brunna Cetto e Isabelly Silva Santos, sou grata principalmente pelo privilégio de compartilhar as dádivas da educação com pessoas como vocês, que para além dos saberes pedagógicos compreendem a importância de um olhar sensível e amoroso. Agradeço também, a meus familiares e principalmente a minha mãe, que me fez enxergar o mundo com um olhar respeitoso antes mesmo de qualquer leitura acadêmica.

Em todos esses anos enxerguei a universidade como uma porta de entrada para muitas possibilidades para pessoas como eu, vindas de escola pública, periféricas e

negras. Apesar das diversas dificuldades enfrentadas e o sentimento de inadequação, por meio da graduação adquiri mais maturidade e conhecimento que me fizeram crescer de diversas formas, não apenas academicamente, mas também pessoalmente.

Hoje, para além de educadora, me percebo também como pesquisadora, planejo aprimorar minhas pesquisas e competências na área de relações étnico raciais, e contribuir para uma causa tão significativa e necessária, sobretudo no contexto educacional, portanto, anseio retornar a Faculdade de Educação, para contribuir com um conhecimento socialmente referenciado e engajado na transformação dos contextos escolares.

Apesar das desigualdades sociais e institucionais, o sentimento de ocupar um espaço que deveria também ser meu, me move constantemente, a educação é um terreno fértil para subverter esses limites desiguais, portanto, que eu e meus iguais sigamos avançando.

Por fim, sou grata a todos os educadores que tive ao longo de minha trajetória escolar e que, gradualmente, me enxergaram. Sou grata aos aprendizados adquiridos pela Faculdade de educação e as experiências que vivenciei enquanto graduanda, com meus colegas e professores. Pela minha força e determinação em “ousar” me fazer presente, que ela nunca se perca de mim.

Introdução

Este artigo estabelece uma reflexão sobre o papel do racismo nos contextos escolares. Tendo como base pensadoras e pensadores negros, a partir de um levantamento bibliográfico propomos ao longo do artigo discutir o impacto do racismo na discriminação escolar, na construção da identidade negra e as dificuldades de enfrentamento ao problema da discriminação racial nas instituições de ensino, da mesma forma que discute as contribuições para o baixo desempenho escolar de estudantes negros. Para embasar o argumento, refletimos a partir da teoria racial de Silvio Almeida, Lélia Gonzalez, Cida Bento e Neusa Santos Souza, com o objetivo de apontar uma contribuição desses autores para o campo da educação. Ainda nesse sentido, analisamos ao longo do trabalho algumas situações recentes de violência racial ocorridas em contextos escolares e a formas de enfrentamento utilizadas nesses casos. Além disso, discutimos a partir de um conjunto de experiências de vida e a reflexão do pensamento negro a construção da identidade do estudante negro nos contextos escolares. Por fim, destacamos uma proposta de educação antirracista a partir de bell hooks.

As pesquisas a respeito da relação entre discriminação racial e o ambiente escolar apontam para as consequências e os prejuízos do racismo na vida de discentes negros (CARVALHO, 2004; 2005). Tais pesquisas apresentam a produção de registros de violência racial, preconceito e discriminação no ambiente escolar. O problema do racismo nos contextos escolares é presente na realidade brasileira, sendo reproduzido através da escola, sobretudo pela falta de capacitação docente e as práticas baseadas em “achismos” e o silenciamento do racismo no cotidiano.

A falta de uma formação que capacite verdadeiramente os professores e as professoras demonstra a necessidade de aprimoramento da Lei 10.639/03, nos sentidos de maiores incentivos à capacitação docente e uma política de monitoramento da lei. O fato de estarmos inseridos em uma sociedade em que o racismo produz hierarquias sociais e dá sentido a estrutura de vida (de suas expressões veladas até aos modos de discriminação explícitos), pensar a questão do racismo nos contextos escolares é fundamental para o enfrentamento do problema social. Nos contextos escolares, o racismo muitas vezes é tratado como algo “pequeno”, sendo possível observar uma busca por justificativas, um esforço para a negação e, quando muito, a proposta e soluções momentâneas como

palestra e rodas de conversas deslocadas do currículo escolar. Ao colocar o problema do racismo como um problema de fora da escola, as instituições escolares se isentam de uma responsabilidade de conscientização e promoção de práticas pedagógicas de combate à discriminação.

A partir do pensamento de intelectuais negras e negros, nossa discussão inicia-se com o pensador Silvio Almeida (2019) que elabora as complexidades da violência racial e apresenta as dinâmicas específicas do racismo na sociedade brasileira. O racismo tem um sentido estrutural, sendo assim, é necessário compreender como ele produz hierarquias e exclui a população negra em todas as dimensões. Sendo elas: racismo individualizado, racismo estrutural e racismo institucional.

A *dimensão individualizada* trata-se de uma violência direta, atos de discriminação contra um indivíduo; a *dimensão estrutural* trata-se do poder e interesses de um grupo que sobressai a o outro, e como há um favorecimento para tais desigualdades ocorrerem, sendo essa uma característica que dita uma ordem social, ou seja, uma normalidade social, visto que somos uma sociedade em que o racismo se produz como uma estrutura que confere sentido ao agir e com características de uma ideologia hegemônica; e por fim, a *dimensão institucional* que é o que trataremos mais a fundo ao longo do trabalho, que ocorre nas instituições que compõem a sociedade, a fim de consolidar a supremacia de um determinado grupo racial sob outro, isso porque dessa forma estabelecem as relações de poder. De acordo com o autor Silvio Almeida (2019): “[...] é a ideia de que as instituições são fundamentais para a consolidação de uma supremacia branca, ou dito de maneira mais ampla, da supremacia de um determinado grupo racial.” (ALMEIDA, p. 45, 2019)

Partindo desse princípio podemos compreender com mais sofisticação as complexidades que a violência racial dissemina e proporciona aos grupos atingidos pela mesma, de forma mais específica, a população negra, no entanto, apenas isso não basta, visto que fora espalhado de maneira impositiva na população brasileira o mito da democracia racial, que consiste na ideia de uma igualdade racial no Brasil como herança da colonização. A ideia de democracia racial atua no sentido de negar o racismo como elemento de discriminação e produção de preconceitos por meio de uma ideologia que reforça a ilusão de que todos têm um tratamento igual.

Dentre as consequências do mito da democracia racial, estão a invisibilidade e a negação do racismo, que passa despercebido e quando vem a tona torna-se facilmente “justificável”, além disso, é perceptível as desigualdades econômicas, escolares e até mesmo afetivas vivenciadas em sua maioria pela população negra. A partir da ideia de democracia racial compreende-se o porquê do racismo se propagar de maneira tão natural em diversos âmbitos sociais, bem como, a razão do silenciamento institucional no que diz respeito às violências, sobretudo, raciais, vigente nas escolas.

Uma das expressões da discriminação destacamos como desigualdade afetiva. A respeito da desigualdade afetiva, a autora Neusa Santos Souza abrange aspectos psicossociais da violência racial, sobretudo: seus impactos na formação de identidade e autoestima e o peso dos estereótipos raciais no sujeito negro. A autora destaca ainda a relação existente entre o trauma racial e o problema da democracia racial, a saber, a meritocracia: “Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancas. (SOUZA, p. 17, 1983).

Há uma distorção de imagem criada pelo racismo, é difícil perceber-se em um mundo que não nos dá possibilidade de ser, de existir, e que para além disso, nos alimenta de estereótipos negativos a respeito de quem somos ou podemos ser, partimos de um pressuposto que precisamos nos adequar, isso porque, o “normal” é ser branco, e tudo que foge disso deve ser adaptado. Nesse sentido, Souza (1983) diz: “É a história de uma identidade renunciada, em atenção as circunstâncias que estipulam o preço do conhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação.” (SOUZA, p. 23, 1983)

Dialogando com a autora Souza (1983) temos o sociólogo Vincent Gaulejac que em sua obra *As Origens da Vergonha* aborda a construção da identidade e o papel da escola na produção do afastamento e exclusão de alguns estudantes, sobretudo, os que se encontram à margem da sociedade por conta da discriminação e exclusão dos desfavorecidos: “Apesar de obter bons resultados no início, rapidamente assume o lugar que lhe é destinado: o dos cânceres da última fila. A dureza de suas condições de vida não lhe dá disponibilidade para ‘esse luxo que é a escola’.” (GAULEJAC, p. 45, 2006). Essa é a realidade de um sistema educacional que corrobora para que o racismo seja

produzido e reproduzido em seus espaços. Dito isto, é necessário identificar e reconhecer quais os mecanismos utilizados para que o massacre da identidade e da autoestima dos estudantes negros seja uma realidade recorrente nos dados educacionais brasileiros. As formas de discriminação e preconceito que estão presentes no tecido social se capilarizam também no cotidiano escolar, sendo reproduzidas tanto pelo preconceito entre os estudantes, como também pelos professores que continuam a reproduzir visões pejorativas sobre o negro em sala de aula a partir de uma educação eurocentrada.

Ademais, podemos perceber a perversidade do racismo brasileiro que, de forma sorrateira e silenciosa, proporciona as piores condições para a população negra, seja na saúde, educação, lazer, qualidade de vida, e ainda, nos retira a possibilidade de presença em ambientes acadêmicos e profissionais. É necessário compreender que as consequências da violência racial não estão atreladas somente ao físico ou verbal, uma vez que, elas também se aprofundam na rejeição de si, a negação de uma identidade negra. O fato da branquitude se colocar como um padrão único de vida, promove no negro um sentimento de inadequação, isto é, prejudica a própria confusão na construção do própria identidade negra.

Em *O Pacto da branquitude* (2022) a autora Cida Bento define o pacto narcísico da branquitude como:

Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e a contribuição negras se tornam invisibilizadas (...) Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. E claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”. É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse: as formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele. (BENTO, p. 13 e 14, 2022)

Reconhecer que condições básicas de vida foram e continuam sendo negadas a determinados grupos, não por acaso, mas como forma de manutenção do pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2022) que perpassa pelos mais diversos âmbitos sociais. No

sentido das formas na qual a presente reflexão encontra-se em minha trajetória biográfica e, portanto, possui implicações na forma de conhecimento da questão, relembro: muito antes de cogitar ter a educação como minha área de trabalho, ainda enquanto estudante da educação básica, compreendia que o discurso de igualdade ao qual somos colocados a acreditar nas escolas, não é real. Não existe igualdade ou equidade em grande parte das escolas brasileiras, demorei para compreender que minha dificuldade de se expressar não se dava meramente pelo fator da timidez, e sim, pelo silenciamento que por anos vivenciei no ambiente escolar. Os estereótipos que permearam minha vida escolar foram o daquela que se contenta, que não questiona, que se cala e simplesmente internaliza e compreende que aquele lugar, o lugar do protagonismo, não é seu, esse grande conflito interno perdurou até começar a compreender as facetas do racismo, e através da educação segui rompendo as barreiras que antes sequer eram percebidas por mim.

Assim como a autora, muitas crianças negras seguem invisíveis, apagadas e tendo seus destinos determinado por terceiros, professores, diretores, pais, colegas, e sobretudo pelo sistema, que busca nos massacrar incansavelmente, com suas falácias de meritocracia e condições de vida altamente discrepantes.

Para melhor compreender o pacto narcísico da branquitude, vejamos dois casos de violência racial no ambiente escolar que chamaram a atenção na mídia e redes sociais recentemente, o primeiro caso que ocorreu em Novo Horizonte (SP) no dia 11 de março de 2024, tem como vítima uma estudante de 12 anos, que foi agredida física, verbal e psicologicamente por 4 colegas, não bastasse a perversidade de humilhar com falas racistas como “Macaca”, “cabelo de bombril” dentre outros, os estudantes ainda agrediram e jogam fezes de gato no uniforme da menina. É claro, que a situação por si só já nos chama a atenção, mas, mais do que isso, é a atitude que a escola toma como forma de “resolver” o problema, conforme a reportagem feita pelo G1: “Quatro alunos do ensino fundamental que xingaram uma menina, de 12 anos, de ‘macaca’, ‘cabelo de bombril’ e ‘capacete de astronauta’ trocaram de sala após a determinação de manterem afastamento de 100 metros da vítima.” A punição para a atitude que não nos deixa dúvidas quanto a um ato de racismo, foi a transferência de turma, ou seja, a punição maior vai para a vítima, que terá que conviver com seus agressores normalmente.

O segundo caso aconteceu em Brasília (DF) no dia 3 de abril de 2024, em uma reportagem ao G1 alunos da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima foram vítimas de comentários racistas durante uma partida de futebol da “Liga das Escolas”, na reportagem apenas dois dos alunos deixam seus depoimentos referentes a situação, os meninos alegam que ofensas como: “Pega o preto na ala”, “Pega o macaco” e “Pobrinho”, foram utilizadas, além disso, alegam que ofensas direcionadas às suas mães também foram feitas, sendo taxados de “filhos de empregada” “sua mãe tem que lavar louça” e uma música relacionada às ofensas. A diretora da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima manifestou-se mediante uma carta de repúdio denunciando o Colégio Galois, expondo e denunciando a brutalidade à qual seus alunos foram expostos.

Nesse caso existem alguns pontos a se pensar, ambas as escolas são instituições privadas destinadas a um público majoritariamente elitizado, as ofensas utilizadas pelos agressores não são um mero acaso, são o reflexo de como o racismo estrutural que nos afeta, do ponto de vista dos agressores os meninos não poderiam ser algo além do que “filhos de empregada”, e ainda, sequer deveriam estar ali, ocupando um mesmo espaço que eles, competindo de igual para igual. O racismo se expressa na utilização de imagens pejorativas sobre o negro que o situam fora daquele ambiente escolar. Ainda na reportagem é dito que: “A diretora-geral da Escola Fátima conta que os alunos ‘agressores’ estavam, em sua maioria, uniformizados, ou seja, ‘estavam sob a guarda e responsabilidade do Colégio Galois’. Diz ainda que a falta de intervenção eficaz por parte dos responsáveis presentes no evento e dos juízes, durante o incidente, é igualmente preocupante.” Por fim, o Colégio Galois, responsável pelos agressores racistas, manifestou-se alegando tomar severas providências, o que soa irônico, visto que mesmo perante o ocorrido nada tenha sido feito.¹

Analisando esses dois casos evidencia-se o grande pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2022), por meio da imparcialidade das escolas responsáveis pelos agressores, a falta de providências cabíveis que não foram tomadas, fazendo com que ironicamente as vítimas sejam as únicas a serem punidas com todas as severas consequências que o

¹ CINTRA, C; TELES, G. e LUIZ, G. Escola do DF denuncia racismo durante campeonato de futebol. G1, 2024.

ASSIS, D. Após pedido de afastamento, alunos que xingaram menina de 'macaca' e 'cabelo de bombрил' são trocados de sala em escola. G1, 2024.

racismo pode proporcionar. A ineficiência de ambas as intervenções se dá pela contribuição do pacto da branquitude, que simplifica as consequências do racismo e o anula, e ainda, pela própria ausência de conhecimentos e preparo dos profissionais da educação para abordar a temática racial. A ideia da ausência de racismo e violência faz com que ele transite facilmente e passe despercebido, exceto pelas vítimas.

Ambas as situações mostram que o impacto da violência racial não apenas existe “na sociedade” de maneira abstrata, mas também, como transita por ambientes que nos alimentam falsamente com a ideia de uma igualdade, é claro que a educação nos possibilita e pode ser transformadora, porém, estranhamente, ambientes educacionais não estão livres da perversidade do racismo, e ainda, lamentavelmente podem ser tão responsáveis pela reprodução do grande silenciamento enfrentado pela população negra.

Racismo, escola e silenciamento

Ao pensar em ambientes educativos, por senso comum tem-se a ideia de que ali todos são iguais. O discurso sobre a igualdade de tratamento silencia as violências e discriminações ocorridas nos ambientes escolares. Naturalmente, a educação pode e deve se apresentar como um instrumento de libertação e conscientização, no entanto, nos ambientes de ensino habitam as discriminações e perversidades de uma sociedade racista. A ideia da escola como ambiente que promove a igualdade entre os indivíduos frequentemente serve apenas para favorecer o silenciamento de violências que ali ocorrem, de gênero, classe e raça.

Esse discurso colabora silenciosamente com o pacto da branquitude para manter a ordem social que tem como padrão de normalidade o indivíduo branco, visando centralizar o poder para grupos pré-estabelecidos, sendo homens brancos. E ainda, negar que haja uma gama de privilégios, fazendo uso do conceito da meritocracia e alimentando, assim, o discurso da democracia racial. Como a autora Gonzalez (2020) bem evidencia em sua obra:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, *quando se esforça*, ele sobe na vida como qualquer um. (GONZALEZ, 2020, p. 69.)

A violência racial no Brasil, como dito anteriormente, possui expressões típicas e modos de operação. Pensando nas instituições escolares, logo, observamos a existência do racismo institucional que perpassa as vivências e práticas do ambiente escolar. Mesmo que evidente do ponto de vista de uma análise da desigualdade, ao tratarmos de instituições, vemos o impacto do racismo institucional, porém, ainda há uma visão deturpada a respeito da relação escola *versus* violência, como se tal espaço fosse imune às demandas enfrentadas cotidianamente. Ao refletir sobre a relação entre racismo e educação, observamos a reprodução da violência racial no cotidiano escolar, na medida em que, os currículos permanecem preponderantes eurocêntricos e as imagens sobre a identidade negra perpassam apenas uma representatividade e dor e submissão. Isso acontece principalmente pela característica própria do racismo institucional, que pode ocorrer de maneira mais sutil, menos explícita.

Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente - com todos os conflitos que lhe são inerentes -, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019, p. 47)

Não há dúvida que os estereótipos que nos sufocam em nosso cotidiano também estão presentes na escola, arrisco dizer que se fortalecem nela, visto que a diferença de tratamento por parte dos professores pode indicar o descaso com aquele indivíduo, tomando-o como “caso perdido”, vale ressaltar que estereótipos podem variar a depender também dos recortes de gênero e classe. Outro fator contribuinte para isso é a educação em um modelo neoliberalista que conta com perspectivas meritocráticas.

De fato, o conceito comum de meritocracia é o de um conjunto de habilidades intrínsecas a uma pessoa que despende esforço individual e não estabelece nenhuma relação dessas “habilidades” com a história social do grupo a que ela pertence e com o contexto no qual está inserida. Ou seja, a meritocracia defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional, etc. Parte de uma ideia falsa para chegar a uma conclusão igualmente falsa. Há que se lembrar de que muitas vezes a “competência” exigida está ligada a um tipo de familiaridade com códigos da cultura organizacional adquiridos ao frequentar instâncias mais estratégicas das instituições, bem como quando se tem algum tipo de relacionamento com lideranças de níveis hierárquicos mais elevados.

Essa experiência não é acessada, em geral, por grupos que carregam uma herança de discriminação e exclusão. (BENTO, 2022, p. 15)

A ideia de que a escola é um ambiente de tratamento igualitário, oculta as violências e discriminações existentes no mundo. No sentido da formação dos professores, tal discurso esvaziado sobre igualdade é perverso no sentido da ausência de tratamento das diferenças raciais, de classe e de gênero. A formação dos professores ainda é inadequada para o tratamento de questões raciais, mesmo que conforme estabelecido pela Lei 10.639/03, que altera a LDB/96, seja previsto a obrigatoriedade sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira.

Dado o cenário da educação brasileira, nota-se que mesmo perante a legislação não há medidas efetivas para ser exercida de fato como, por exemplo, a adequação dos currículos dos cursos de licenciatura para a inclusão de disciplinas sobre cultura afro-brasileira. Ainda que haja obrigatoriedade no ensino, não existem mecanismos que garantam a execução do que é proposto, tanto nas escolas quanto na própria formação de professores.

Após ocorridos recentes televisionados pela mídia e bastante comentado nas redes sociais, em maio de 2024 foi publicado através da agência Brasil que o Ministério da Educação (MEC) criará enfim protocolos de prevenção e resposta ao racismo nas escolas. Conforme a reportagem: “Para acelerar a implementação da Lei 10.639/2003, o MEC deve anunciar um trabalho de fortalecimento das redes educacionais por meio de um regime de colaboração e coordenação federativa. Estão previstos incentivos financeiros, técnicos e simbólicos na implementação da política nacional de educação das relações étnico-raciais.”

A ausência de medidas efetivas como uma formação adequada de professores antirracistas, currículos transversais que visam romper com a iniquidade racial dentro dos ambientes escolares e ainda, juntamente a esse ideal vago de igualdade dentro das escolas, estabelecem um conjunto de fatores contribuintes com o pacto narcísico da branquitude, alimentando a ideia de um sistema meritocrático de ensino, responsabilizando os indivíduos pelos fracassos escolares aos quais são submetidos por diversos fatores.

Notoriamente as desigualdades do Brasil são direcionadas a determinados grupos, sendo a população negra o principal alvo de precarização em sentidos múltiplos, como saúde, qualidade de vida, desemprego, e consequentemente educação. Por exemplo, de acordo com dados divulgados recentemente pelo IBGE na Pnad, a taxa de analfabetismo entre negros e pardos é o dobro da registrada entre brancos, sendo 7,1% dos negros (pretos e pardos) e 3,2% dos brancos. (BRASIL, 2023)

Ainda se tratando de dados, o IBGE registrou que o número de brasileiros pretos e pardos matriculados no ensino médio está uma década atrasado em relação ao número de alunos brancos, em reportagem para o G1² a estudante Cecília Allevato relata: “Eu tenho aquela mente de que tenho que ajudar a minha mãe em casa, e escola - trabalho - casa fica muita correria e muito puxado. Então, já sim, eu pensei na possibilidade de abandonar a escola para arrumar um trabalho”.

Através dos dados e o relato da estudante, é um retrato claro de como as desigualdades em outros campos afetam a desigualdade educacional, sendo, portanto, uma ideia injusta pensar em um conceito de educação meramente meritocrático.

Essa ausência pode ser justificada pela invisibilidade do problema em questão, ao apagar a existência de racismo e preconceito nos ambientes escolares apaga-se também possibilidades de medidas e soluções para que tamanha violência seja abolida desses e de outros espaços. Ignorando ainda, a perversidade do racismo ao prejudicar não apenas na formação escolar, mas também, na construção de identidade e autoestima desses estudantes, como veremos adiante.

Esteriótipos, construção de identidade e autoestima

Certamente, o papel da escola é de suma importância na formação intelectual, social e pessoal dos indivíduos, visto que nela passam a maioria de seu tempo, ao falarmos de racismo em ambientes escolares, associa-se rapidamente a relação entre colegas, entretanto, o papel do professor e dos demais profissionais que compõem esse ambiente também tem muito a contribuir com o impacto racial vivenciado.

² NACIONAL, Jornal. Jovens negros estão dez anos atrás dos estudantes brancos no ensino médio, diz IBGE. G1, 2023.

Conforme fora mencionado na seção anterior, a formação de professores não contempla as discussões étnico raciais como deveria, na medida em que, há possibilidade de aprimoramento na formação e um maior debate sobre educação das relações étnico-raciais. A ausência da reflexão sobre a questão racial se mostra também em outras esferas da sociedade, ainda sob a perspectiva da negação dos problemas de discriminação e do racismo na sociedade brasileira. Portanto, mesmo que involuntariamente, a avaliação que os professores e professoras fazem de alunos negros, pode estar carregada de esteriótipos e visões negativas sobre sua presença na escola.

Professores são figuras de autoridade e referência e o tratamento estabelecido por eles em relação aos estudantes pode influenciar a percepção que os alunos possuem de si e do outro, principalmente no ensino fundamental. Ao estabelecer estereótipos negativos aos estudantes negros, os professores estão também, em seu modo de avaliar, prejudicando esse estudante, e não apenas em dimensão escolar, mas também, afetando os aspectos da construção da autoestima discente.

Em sua obra *Tornar-se negro* a autora Neusa Santos Souza (1983), alerta para as consequências da escravidão e todo o processo colonial no período pós-abolição para a população negra no Brasil, afirmando que:

A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca, então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social. "Os brancos isolavam certos aspectos do comportamento dos negros das condições que os produzira, passando a encará-los como atributos invariáveis da 'natureza humana' dos negros. (...) E, como naquela sociedade, o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram os "serviços-de-branco", ser bem tratado era ser tratado como o branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro — que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente. (SOUZA, 1983, p. 20 e 21)

Dessa forma, nota-se que os prejuízos do racismo para construção identitária se dá justamente através da ausência do negro, que quando apresentado, é sempre atrelado ao negativo, isto devido a uma construção social que perdura desde o período colonial. E ainda, apresenta o branco como modelo ideal, ou seja, a ausência de pessoas negras, reproduzida excessivamente em nosso cotidiano, em diferentes espaços, faz com que

automaticamente o negro busque pela branquitude como forma de “normalidade”, não sendo diferente em ambientes escolares.

Em minhas experiências escolares, no recorte de ensino fundamental por volta dos anos de 2006 e 2007, ao cursar o primeiro ano do ensino fundamental, me recordo de ser constantemente perseguida e agredida verbal e psicologicamente por outros colegas, que constantemente excluía a mim e a outra colega negra da turma, essa situação acontecia na única escola da rede privada de ensino em que já frequentei. Da educação infantil até o primeiro ano do fundamental. Diante dessa situação, lembro que me faltava coragem para expor aos meus pais os acontecidos da escola, mesmo com a relação de segurança e confiança que cultivamos entre nós, isso porque, algumas professoras e coordenadoras da escola, nos reprimiam ao dizer que “focar é muito feio”, portanto, eu e minha colega nos víamos de mãos atadas diante da situação. Após determinado momento, quando a situação tornou-se insuportável para mim, resolvi finalmente expor minha indignação a meus pais, mas sem saber muito bem como fazê-lo, isso porque eu sequer conhecia a palavra racismo. Este relato corrobora com a reflexão presente na literatura negra sobre os dilemas psicológicos vivenciados pelas pessoas negras em contexto de discriminação.

Minha solidão nunca foi motivo de comoção às professoras e demais profissionais que atuavam ali, mesmo que escancaradamente fosse deixada de lado. Além disso, percebe-se como a ausência de recursos dos professores implicou em minha capacidade de saber ao menos nomear a violência que me acompanhava. É importante ressaltar que o fato de não ter sido apresentada a discussão racial em meu âmbito familiar, também contribui para que as coisas tenham se dado dessa maneira, sendo mais uma razão para quebrar essa falsa ideia de “proteção” ao silenciarmos pautas sociais da infância.

Relatei a meu pai uma situação específica, e declarei com muita indignação que aquilo era “errado”, lembro claramente do silêncio dele, sua expressão de tristeza e raiva ao mesmo tempo, no dia seguinte minha mãe foi a escola, a providência tomada foi chamar para conversar todos juntos. Ao longo do ano tentavam de todas as formas nos tornar amigas, nunca aconteceu, meus pais me tiraram da escola no ano seguinte. Este relato mostra as formas de tratamento da questão racial no contexto escolar e a necessidade de um olhar mais aprimorado para a questão das relações raciais. Ainda é

preciso um avanço para um enfrentamento qualitativo da questão do racismo, sobretudo, por práticas de reconhecimento da violência.

A partir dessas situações e especificamente do dia em que minha mãe expôs para a escola a situação de violência que eu sofria, passei a perceber que, certamente, não éramos todos iguais, na verdade, eu já havia notado, pelo próprio tratamento que recebíamos dos professores, depois desse episódio constantemente fui me fechando e me colocando no lugar de “tímida”, quando, na verdade, o que me faltava era protagonismo e espaço, para falar e colocar minhas ideias, dúvidas, indignações e dores. Uma timidez imposta de fora, registro de um apagamento dentro dos contextos escolares como Gaulejac (2006) sublinha no livro *As origens da vergonha*. Dores que me acompanharam por anos em minha trajetória escolar, mas que pelo silenciamento que vivenciei, demorei muito para compreender.

Analisando essa situação e relacionando-a com o pensamento de Cida Bento (2022), é notório o papel das instituições educacionais, e principalmente, dos professores e professoras que lidam diária e diretamente com estudantes negros, e os tornam invisíveis e cada vez mais distantes da escola, que conseqüentemente os afasta de outros âmbitos sociais, e ainda, de si, devido às complexidades do silenciamento, e das violências sutis e invisíveis. A autora aponta que:

Ao mesmo tempo, a escola não era um dos ambientes mais acolhedores para crianças negras como nós. Por anos, me senti invisível na sala de aula, como se não fizesse parte daquele lugar. Para além de qualquer questão com os colegas, como foi o caso de meu filho Daniel, meus professores foram os principais responsáveis por essa minha sensação de não pertencimento. (BENTO, 2022, p. 9)

A autora relata uma situação de indignação por parte de seu filho Daniel, e traz importantes colocações a respeito do papel da escola e do professor diante a estudantes negros. E continua:

Desde cedo vi o tratamento diferenciado que pessoas em cargos de destaque davam a seus semelhantes. Na escola, quantas vezes percebia os professores enaltecerem o esforço de minhas colegas brancas — como eles — de forma afetuosa, enquanto eu ficava sempre às margens, por estar afastada do modelo que eles valorizavam. Minha presença só se fazia notar como exemplo negativo. (BENTO, 2022, p. 10)

Ainda em minhas experiências, mas agora enquanto educadora, ouvi que tratar de assuntos “polêmicos” como o racismo em sala de aula, não é o ideal em espaços infantis, com a justificativa de serem temáticas muito violentas. Entretanto, me questiono: se também não é violento o silêncio do sofrimento de crianças negras? Devemos, como educadores, refletir os motivos pelos quais tais sofrimentos não produzem comoção. Negar o racismo é alimentá-lo cruelmente, pois, a violência oculta tem tamanha força sobre suas vítimas, usar disso enquanto forma de “proteger” a infância, é questionar a quem estamos protegendo.

Crianças negras permanecem sendo marcadas pela violência racial quando, logo na infância, são apresentadas ao racismo sem ao menos saber nomeá-lo, quando não conseguem formular quem são. São constantemente apresentadas ao fracasso e a subserviência, a “não capacidade”, a ausência, ao errado, ao que precisa se consertar. A ausência de referências, sobretudo positivas, dificulta a construção de autoestima e subjetividade.

Quando em sala de aula são limitados ao “bagunceiro” “caso perdido” ou àquele que “apenas obedece”, essas imposições podem se internalizar e tornar-se uma verdade que os perseguirá ao longo de suas vidas. Afinal, se já sei que serei apenas “isso”, por que buscar algo mais? Essas são algumas das consequências que o despreparo de consciência étnica proporciona aos estudantes negros.

Portanto, é preciso construir uma educação antirracista que combata as imagens negativas atribuída ao negro, e que constitua uma identidade positiva e não de estranheza de si. Bem como a participação de pessoas negras na construção dos processos pedagógicos, e nos currículos e conteúdos apresentados as crianças, validando e valorizando a contribuição de negros que são escritores, cientistas, artistas, assim revertendo a concepção de pessoas negras em posição de subserviência.

Afetividade e práticas transgressoras: educação antirracista

Este artigo teve como finalidade analisar os fatores que contribuem para o fracasso escolar de estudantes negros no ensino fundamental, partindo dos princípios de raça estabelecidos por intelectuais negros. Analisando como a ausência de práticas pedagógicas transgressoras e antirracistas colaboram para o silenciamento da violência

racial na escola e seus impactos na formação de identidade e autoestima destes estudantes.

Para além do que já fora pensado a respeito de acolhimento e afetividade, resalto a urgência de desenvolver uma pedagogia antirracista que ocorra a partir da formação de professores, para que se reflita em sala de aula por meio dos currículos e das discussões pensadas no contexto racial. Uma educação que rompa com estereótipos negativos e limitadores, possibilitando estudantes negros dentro e fora de sala de aula.

Apesar de não anular as mazelas existentes em espaços educacionais, a educação carrega consigo um caráter social e emancipador que pode nos ajudar a perpassar por essas temáticas de maneira responsável e coerente. Por muito tempo perpetuou-se a ideia da educação como forma de controle no qual não haveria espaço na sala de aula para pensar na relação entre professor e aluno. Uma ideia simplista de que o professor deve apenas transferir seu conhecimento a seus alunos.

Essa perspectiva contribui para um sistema de dominação em sala de aula no qual professores e professoras reproduzem hierarquias de controle e domínio dos seus alunos e se despreocupam com as relações educacionais e os potenciais pedagógicos da mudança. Por exemplo, ao anular debates raciais reforçam-se os princípios ilusórios da igualdade de tratamento e silenciam as violências sofridas no cotidiano pelos estudantes negros.

Na obra *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade (2013)*, a respeito das relações de poder em sala de aula, a autora Bell Hooks diz que:

Aprendi, junto com os outros alunos, a me dar por contente se encontrasse um professor interessante capaz de falar de maneira envolvente. A maioria dos meus professores não estavam nem um pouco interessados em nos esclarecer. Mais que qualquer outra coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho - a sala de aula. (HOOKS, p. 30, 2013)

Demonstrando o desinteresse de professores e professoras por práticas que venham e protagonizar os alunos e o mero interesse em se colocar em posição de poder, fazendo uso indevido da posição hierárquica do papel de professor, ampliando esse conceito, a autora também menciona que:

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores - em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade -, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para os professores não brancos quanto para os brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de uma educação multicultural, pois têm medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas. (HOOKS, p. 51, 2013)

Certamente, a autoridade do professor em sala é necessária e importante para o fazer pedagógico, entretanto, não devemos confundi-la com autoritarismo excessivo e limitador, pois, como apontado pela autora a realidade da sala de aula é plural, ali encontram-se uma gama de diversidade, e é possível sem perder o “controle” dar possibilidade de protagonismo para todos os envolvidos. É importante reconhecer e considerar os diferentes contextos que compõem uma sala de aula, não como forma de sufocar o profissional da educação e responsabilizá-lo por todas as defasagens sociais que existem, mas de fazer com que esse profissional seja capacitado o suficiente para pôr em prática um modelo de educação que não, seja exclusivo a um grupo e sim que faça sentido e coerência a todos que ali estão. Uma educação de possibilidades e não de exclusão.

Criar espaços de referência e possibilidades e extinguir as limitações impostas a esses indivíduos diária e compulsivamente, enxergar o racismo como um problema também do ambiente escolar e criar possibilidades para que o fracasso escolar e social de crianças negras não siga sendo naturalizado. Uma educação pautada na ideia de diversidade, resistência e presença, tornando visível a contribuição negra na sociedade, para além das aulas de história a respeito do trauma colonial.

O currículo é um instrumento poderoso para se recorrer a uma educação antirracista, como previsto em lei. Existem possibilidades de se modificar a imagem construída socialmente do sujeito negro mediante práticas pedagógicas de representatividade e presença. Pensar em aulas que contemplem a diversidade cultural, feitos históricos, tradições e afins, são uma oportunidade para dar aos estudantes negros

maneiras de constituir e construir sua subjetividade por meio de reforços positivos e que corrobore suas possibilidades de estar no mundo. Entretanto, como já mencionado, é importante haver uma formação adequada para que os professores ponham em prática, para não perder o sentido e seja feito de qualquer forma.

Com demasiada frequência, à vontade de incluir os considerados "marginais" não correspondia a disposição de atribuir a seus trabalhos o mesmo respeito e consideração dados aos trabalhos de outras pessoas. Nos Estudos da Mulher, por exemplo, as professoras tratam das mulheres de cor somente no finalzinho do semestre ou juntam numa única parte do curso tudo o que se refere à raça e às diferenças. Essa modificação pró-forma do currículo não é uma transformação multicultural, mas sabemos que é a mudança que os professores mais tendem a fazer. Vou dar outro exemplo. Quando uma professora de inglês, branca, inclui uma obra de Toni Morrison no roteiro do curso, mas fala sobre ela sem fazer nenhuma referência à raça ou à etnia, o que isso significa? (HOOKS, p.55, 2013)

Esse tipo de contribuição talvez seja dos mais populares e comuns de se ver por aí, em diferentes instituições de ensino onde tive a oportunidade de estagiar, presenciei no mês de novembro, professores e professoras que buscavam livros que apresentassem protagonistas negras sem ao menos questionar-se a respeito do teor da história, preocupando-se apenas em apresentar algo que fosse representar uma falsa inclusão. Nesse sentido, é importante, também, ponderar a respeito do conteúdo dos recursos que serão utilizados, não basta apresentar uma pessoa negra e achar que seja o maior recurso de representatividade, é preciso ter sentido, para que seja pedagógico, e ainda que seja feito ao longo do ano e não apenas no mês de novembro.

Em seu relato Bell Hooks (2013) dá como forma de estratégia para subverter a perversidade da sala de aula, a criação de comunidades em sala, que constituem a valorização e participação dos estudantes, fazendo com que assim, seja posto em prática o modelo de educação transgressora e não meritocrático. A afetividade em sala de aula deve ser utilizada como instrumento de olhar para aqueles alunos, que são deixados à margem, no contexto racial, serve para aproximar os estudantes negros que são estimulados a se afastar cada vez mais da escola, e cair naquilo que fora programado a eles socialmente. É preciso romper essas barreiras e enxergar o sofrimento negro como um problema a ser enfrentado e não como uma causa a ser esquecida e banalizada.

Vimos como o silenciamento é uma arma cruel para corroborar com a manutenção de um sistema racista, que visa apagar enquanto violenta pessoas negras, reverter esse processo por meio da participação e envolvimento de estudantes negros em sala de aula é uma das possibilidades que a educação nos permite.

A aceitação da descentralização global do Ocidente, a adoção do multiculturalismo obrigam os educadores a centrar sua atenção na questão da voz. Quem fala? Quem ouve? E por quê? Cuidar para que todos os alunos cumpram sua responsabilidade de contribuir para o aprendizado na sala de aula não é uma abordagem comum no sistema que Freire chamou de "educação bancária", onde os alunos são encarados como meros consumidores passivos. Uma vez que tantos professores ensinam a partir desse ponto de vista, é difícil criar uma comunidade de aprendizado que abrace plenamente o multiculturalismo. (HOOKS, p.57, 2013)

Partindo dessa perspectiva transgressora e antirracista é possível transformar a escola e a sala de aula que para muitas crianças, sobretudo para as crianças negras é um local de repressão em um lugar de transformação e possibilidades, proporcionando assim a inclusão que parte do pressuposto do acolhimento e respeito as diferenças e não de uma falsa igualdade que visa beneficiar a um determinado grupo.

Considerações Finais

A partir das reflexões deste texto temos mais elementos para pensar sobre o fracasso e não-pertencimento escolar de estudantes negros na educação básica. O racismo estrutural e institucional proporciona experiências de exclusão e desamparo à população negra, como vimos, também no contexto escolar. As desigualdades sociais impactam e excluem. Do mesmo modo, a ausência de acolhimento racial e uma reflexão sobre o tema nas escolas produzem forma de distanciamento e não-pertencimento das pessoas negras.

É primordial enquanto educadores ter conhecimento a respeito das complexidades do racismo na sociedade brasileira e considerar seus impactos na subjetividade da população negra, sobretudo, nas infâncias negras. Reconhecer como o silenciamento do racismo em ambientes escolares corrobora com o fortalecimento do pacto da branquitude e o fracasso de estudantes negros no ensino fundamental é essencial para pensarmos uma educação para o acolhimento.

A formação de professores deve estar pautada sob uma educação antirracista que os capacite para lidar com as relações étnico raciais em sala de aula, bem como, professores e professoras que sejam capazes de avaliar e proporcionar uma relação livre de estereótipos racistas para os estudantes negros. Quebrar o imaginário de que a escola é um espaço de mágica igualdade onde os males que cercam a sociedade não a atingem, dar voz e espaço para as vítimas de violências ocultas que podem ser determinantes na vida desses indivíduos, intelectual e psicologicamente. Reconhecendo o importante papel do professor que avalia seus alunos em sala, que estabelece relações, e direta ou indiretamente fornece a eles elementos que comunicam quem são e podem se tornar.

Possuímos na sociedade brasileira constantes espaços que favorecem o pacto narcísico da branquitude e minam nossas possibilidades de ser e estar no mundo, a população negra segue sobrevivendo em realidades precárias, de saúde, educação, qualidade de vida, acesso e permanência à universidade, mercado de trabalho, dentre outros. E quando buscamos pela reivindicação desses direitos básicos, somos colocados como responsáveis únicos por nosso fracasso, por uma branquitude que nega a todo custo o reconhecimento de seus privilégios e a manutenção deles mediante uma perspectiva meritocrática.

Portanto, reconhecer as causas que levam a precaridade do ensino a estudantes negros é necessário para que sejam criadas soluções que revertam esse cenário, como, por exemplo, a efetivação da Lei 10.639/03 nos currículos e nas salas de aula, não apenas no mês de novembro e nas disciplinas de história, e sim ao longo do ano, atrelado a todo o trabalho pedagógico. Assim como o comprometimento do protagonismo de todos os estudantes, sobretudo dos estudantes negros, que frequentemente são deixados a margem como se não tivessem contribuição em sala.

Mesmo que tenhamos visto como ocorre a colaboração de ambientes escolares nessas violências, sobretudo com a violência racial, os espaços educacionais continuam sendo fonte de possibilidades para reverter as violências existentes, reconhecê-las é o primeiro passo. Seja em qual for a modalidade, a educação pode ser uma porta para a transformação.

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de

possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, p.273, 2013)

Desta maneira, pensar a respeito do silenciamento de violências em ambientes escolares se torna um importante fator para trazer mais equidade a estes espaços, e contribuir para a formação étnico racial de crianças de todas as crianças, além de fazer jus a Lei 10.639/03 e colaborar com seu papel político pedagógico e uma educação não apenas intolerante ao racismo, mas, antirracista.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDRADE, Laysla Lavínia Santos. **Fracasso escolar de estudantes negros e negras: uma das facetas do racismo**. Anais VIII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90862>>.

ASSIS, D. Após pedido de afastamento, alunos que xingaram menina de 'macaca' e 'cabelo de bombril' são trocados de sala em escola. G1, 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2024/03/21/menina-e-pi-soteada-e-xingada-de-macaca-e-cabelo-de-bombril-por-alunos-em-escola-municipal-diz-mae.ghtml>> Acesso em: 30/03/2024

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, M. Pinto de. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. Cadernos Pagu. 2004.

CARVALHO, M. Pinto de. **Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos**. Revista brasileira de educação. 2005.

CINTRA, C; TELES, G. e LUIZ, G. Escola do DF denuncia racismo durante campeonato de futebol. G1, 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/04/12/escola-do-df-denuncia-racismo-durante-campeonato-de-futebol-macaco-pobrinho-filho-de-empregada-disseram-estudantes-aos-adversarios.ghtml>> Acesso em: 18/04/2024

CNTE. Sintep, Mato Grosso, 2023. Disponível em: <https://sintep.org.br/sintep/Utilidades/view_noticia/analfabetos-pretos-e-pardos-sao-mais-que-o-dobro-de-brancos/i:2934> Acesso em: 01/04/2024.

DURÃES, U. Analfabetismo entre negros é o dobro de brancos; Nordeste tem maior taxa. Uol, São Paulo, 2024. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2024/03/22/taxa-de-analfabetismo-pnad-2023.htm>> Acesso em: 01/04/2024.

FIGUEIREDO, da Silva, T. **Cultura do fracasso escolar: mecanismo do racismo estrutural na escola.** COPENE SUDESTE. Espírito Santo, 2019.

FIGUEIREDO, da Silva, T. **Escola e racismo institucional: fracasso escolar como mecanismo de banimento da população negra.** VII CONEDU - Conedu em Casa. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81084>>

GAULEJAC, V. **Capítulo 4: A Vergonha gruda na pele. In: As origens da vergonha.** São Paulo: Via Lettera, 2006.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, de Ednilson, R. **MECANISMOS EFICIENTES NA PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR DE JOVENS NEGROS: ESTEREÓTIPOS, SILENCIAMENTO E INVISIBILIZAÇÃO.** EDUR, Educação em Revista. Belo Horizonte, n.34, e167901. P. 1 a 18. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/rzs7bGtj4LKQSCkqz8rMdvD/abstract/?lang=pt>>

NACIONAL, Jornal. G1, 2023. Jovens negros estão dez anos atrás dos estudantes brancos no ensino médio, diz IBGE. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/30/jovens-negros-estao-dez-anos-a-tras-dos-estudantes-brancos-no-ensino-medio-diz-ibge.ghtml>> Acesso em: 02/04/2024.

SOUZA, S. NEUSA. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VILELA, Rafael. **MEC criará protocolos para combater racismo em escolas.** Agência Brasil, Brasília, 2024. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-05/mec-criara-protocolos-para-combater-racismo-em-escolas>> Acesso em: 20/05/2024.